

O inefável contorno da alma nas dores do fígado: uma leitura de Dostoiévski

Francina SOUSA¹ (FCL/MS-AFCL)

RESUMO: É por meio da aproximação entre literatura e psicanálise que será desenvolvido este trabalho, sob a perspectiva de que muitas vezes a literatura, especificamente, e a arte de forma mais geral, se antecipam às descobertas da psicanálise. Freud já intuía que o artista desvela aquilo que a ciência ainda não fora capaz de demonstrar e a obra **Memórias do Subsolo** de Dostoiévski é um desses casos, pois expressa a angústia e beleza do ser humano, ontologicamente dividido, nunca plenamente satisfeito, animado por algo que lhe escapa: o desejo. Através de seu inquietante personagem, Dostoiévski expressa o gozo e a amargura do ser. A aparente crítica perpetrada por **Memórias do Subsolo** ao racionalismo e ao positivismo é apenas o teor manifesto de uma percepção latente que condensa a própria noção freudiana de inconsciente, o saber sobre a divisão do sujeito e do gozo proporcionado pelo sintoma.

PALAVRAS-CHAVE: Dostoiévski; Memórias do subsolo; psicanálise; literatura.

Introdução

Escrever sobre um romance de um autor como Dostoiévski não é uma tarefa fácil, sobretudo porque sua obra deve ser experimentada, apreciada e não simplesmente apreendida por meio de um comentador. Suas criações dificilmente podem ser subsumidas a qualquer explicação ou esquema totalizante. Há uma advertência neste sentido de ninguém menos que Sigmund Freud, que em seu artigo intitulado **Dostoiévski e o Parricídio**, distingue a personalidade do escritor russo em quatro facetas: a do artista criador, o neurótico, o moralista e o pecador. E escreve que “o artista criador é o menos duvidoso: o lugar de Dostoiévski não se encontra muito atrás de Shakespeare [...]. Diante do problema do artista criador, a análise, ai de nós, tem de depor suas armas” (2006, p.183)². A intenção deste artigo não é analisar as facetas de Dostoiévski que apontam para uma biografia e sim lançar um olhar sobre uma criação específica do autor.

Ciente de que um trabalho que verse sobre uma obra de Dostoiévski sob uma única perspectiva teórica, ou mesmo várias, será inevitavelmente incompleto, este artigo propõe-se a realizar algumas considerações acerca da obra **Memórias do Subsolo** utilizando-se para tal a teoria psicanalítica como chave interpretativa, sem pretender esgotar as possibilidades de leitura que a obra em si abarca.

Em uma carta destinada ao escritor Stefan Zweig, as palavras de Freud são animadoras para aqueles que pretendem se aventurar na apreensão da obra do escritor russo pela via psicanalítica. Escreve que Dostoiévski “não pode ser entendido sem a psicanálise – isto é, ele não

¹ Francina Evaristo de Sousa, psicóloga da Universidade Federal da Grande Dourados, membro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano – IF-AFCL.

² Neste artigo Freud faz uma análise de Dostoiévski que culmina no diagnóstico de uma histeria. O maior indicativo para tal diagnóstico seria os ataques epiléticos do escritor que, de acordo com Freud, seriam de origem psíquica e não orgânica. Em sua tese, Freud argumenta que estes ataques teriam se agravado por ocasião do assassinato do pai de Dostoiévski, e seriam fruto da relação entre o desejo e a culpa do próprio escritor em assassinar o pai. Outra hipótese levantada por Freud em suas considerações diz respeito a uma suposta homossexualidade recalcada, expressa, por exemplo, pela maneira submissa e dócil com que este reagia aos seus adversários no amor. Remetemos o leitor ao capítulo **Freud e a Anamnese de Dostoiévski**, da obra “Pelo prisma russo – ensaios sobre literatura e cultura” de Joseph Frank, no qual o autor contesta a interpretação freudiana que, segundo ele, carece de dados biográficos suficientes para ser precisa. Segundo Frank, Freud parte de “dados tão fragmentários e questionáveis para lidar com o enigma de Dostoiévski” (1992, p.134) que sua interpretação sobre o autor russo deve ser colocada em questão.

precisa dela porque ele mesmo a ilustra em cada personagem, em cada frase” (FREUD apud FRANK, 2002, p.121)³. Esta afirmação freudiana não poderia ser mais verdadeira ao tratar-se de **Memórias do Subsolo**, considerada por muitos críticos o embrião dos grandes romances de Dostoiévski, tais como *Crime e castigo* e *Os irmãos Karamazov*, este último considerado por Freud o maior romance já escrito (FREUD, 2006, p.183). Longe de pretender psicanalizar o autor, Dostoiévski, através de um de seus personagens, objetiva-se apontar a extraordinária sensibilidade criativa deste em relação ao humano e ao espírito de sua época, sensibilidade que é expressa em sua arte. Arte que desvela o saber psicanalítico.

Ao compor seus personagens Dostoiévski lhes atribui uma profunda autonomia e densidade psicológica. São, de acordo com Bakhtin, “não apenas objetos do discurso do autor mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante” (2008, p.5). A pluralidade de teorias filosóficas na obra de Dostoiévski não se confunde com as concepções do próprio autor, concepções estas que muitas vezes ficam em segundo plano em sua obra. Criador de um gênero de romance completamente novo, o romance polifônico, Dostoiévski concede a seus personagens um mundo interno tão rico que não se submete à uma realidade objetiva única. A peculiaridade fundamental de seus romances seria, ainda de acordo com Bakhtin, “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes” (2008, p.4). Ao discorrer sobre *Memórias do subsolo*, Bakhtin escreve sobre Dostoiévski que:

Ele não constrói a personagem com palavras estranhas a ela, com definições neutras; ele não constrói um caráter, um tipo, um temperamento nem, em geral, uma imagem objetiva do herói; constrói precisamente a **palavra** do herói sobre si mesmo e sobre o seu mundo. A personagem dostoiévskiana não é uma imagem objetiva mas um discurso pleno, uma **voz pura**.⁴ (2008, p. 60).

A partir destas considerações acerca da particularidade da escrita dostoiévskiana proposta por Bakhtin, reafirma-se a idéia de que através de sua obra Dostoiévski consegue, por meio da literatura, expressar, de um ponto de vista psicanalítico, a complexidade humana.

1 Arte e Psicanálise

Do ponto de vista psicanalítico através da arte o artista consegue conciliar, a sua maneira, os princípios de prazer e de realidade: insatisfeito com a renúncia pulsional que a realidade exige, o artista ingressa no mundo da fantasia, e ao percorrê-lo lhe dá formas não apenas socialmente aceitáveis, mas também louváveis. Por meio da forma o artista provoca no outro um encontro com seus próprios desejos insatisfeitos, encontro que de outro modo – sem a mediação formal – poderia ser intolerável (FREUD, 2004, p.69). Alain Badiou escreve que a arte “é aquilo que faz com que o objeto do desejo, não simbolizável, advenha em subtração no próprio cúmulo de uma simbolização [...] A obra de arte provoca uma transferência porque exhibe um objeto que é causa do desejo” (1994, p.24)⁵.

Um dos destinos que o escritor criativo dá a sua pulsão é talvez o mais celebrado por Freud: a sublimação. De acordo com Freud:

³ FREUD, Sigmund. *Letters of Sigmund Freud*, seleção e Ed. Ernst L. Freud, trad. Tânia e James Stern, Nova York, 1960, p.331-333 apud FRANK, J. **Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura**, 2002, p.121.

⁴ Destaque do autor.

⁵ É importante observar que o olhar psicanalítico sobre a arte é essencialmente clássico, o que é observado por Badiou: “A psicanálise, enfim, é aristotélica, absolutamente clássica. Para se convencer disto basta reler tanto os ensaios de Freud sobre a pintura quanto os de Lacan sobre o teatro e a poesia” (1994, p.24). O autor considera que o classicismo está saturado e que, na relação entre psicanálise e arte, a arte serviu muito mais aos propósitos da psicanálise que o contrário.

A sublimação é um processo que ocorre na libido objetal e consiste no fato de a pulsão se lançar em direção à outra meta, situada em um ponto distante da satisfação sexual; a ênfase recai sobre o afastamento e desvio do que é sexual (2004, p. 112).

Grosso modo a sublimação seria um desvio da pulsão sexual para uma finalidade elevada e reconhecida do ponto de vista social. Destino da pulsão que “driblaria” o recalque, a sublimação não é exclusividade do processo de criação artística, mas essencial neste. Luiz Alfredo Garcia-Roza escreve que:

A sublimação descreve algo que ocorre com a pulsão, mas é um processo que corresponde à libido de objeto, e o que se exige é que o objeto seja socialmente valorizado. [...] O que caracteriza o verdadeiro artista [...] é sua capacidade de elaborar suas fantasias de modo a perderem o que possuem de excessivamente pessoal e chocante para as demais pessoas, além de dar forma a um material que passa a representar sua fantasia e desta maneira suspender o recalque e obter um prazer que lhe seria negado não fosse sua capacidade artística (2000, p.134).

Pensando naquele que aprecia a obra de arte, ou seja, no receptor, para além dos fatores históricos, políticos e econômicos que contribuem na determinação da concepção artística, o trecho supracitado nos remete ao fato de que a criação deve fazer algum sentido para aquele que a contempla, ainda que este sentido não seja percebido no âmbito da consciência. O artista, em sua obra, parte da realidade, de um mundo externo e interno, e é através da identificação da recepção com esta que sua obra terá ressonância social e poderá ultrapassar até mesmo limites históricos, pois “a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende de sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar” (CANDIDO, 2000, p. 41).

Freud, ao parafrasear Shakespeare e escrever que os escritores criativos “costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar” (1996, p.20), aponta para a idéia de que a literatura (e a arte de forma mais geral) desvela aquilo que a psicanálise teoriza. De acordo com Wellek e Warren, Freud “descobriu na literatura muitos *insights* que corroboraram e anteciparam os seus próprios” (2003, p.95).

2 Memórias do Subsolo

Memórias do Subsolo é considerada por Joseph Frank, um dos biógrafos de Dostoiévski, como a primeira grande criação do autor após os anos de prisão na Sibéria. Segundo ele:

Poucas obras na literatura atual são mais lidas do que *Memórias do Subterrâneo*, de Dostoiévski, ou são citadas com mais freqüência como texto fundamental e revelador das profundezas ocultas da sensibilidade de nosso tempo (FRANK, 2002, p. 427).

O livro é uma novela dividida em duas partes: **O subsolo**, na qual o personagem narrador nos apresenta de forma filosófica sua amarga visão de mundo; e **A propósito da neve molhada**, onde narra alguns episódios de sua solitária existência. Engendrado pelo paradoxo, nosso narrador-personagem, uma espécie de herói às avessas, no momento em que decide por registrar suas memórias, encontra-se isolado em seu apartamento há mais ou menos 20 anos. Diante da

impossibilidade de conviver com outros homens, simplesmente afastou-se da humanidade. Logo ele, demasiadamente humano. Antes dessa retirada social, nosso anti-herói fora um funcionário público que, ao receber uma herança de um parente distante, trata logo de se aposentar, encontrando desta forma a oportunidade para isolar-se em seu cantinho, em seu subsolo. É de lá, do subsolo, que ecoam suas lembranças, suas memórias. E através delas o narrador personagem nos ensina sobre as profundezas da alma humana, onde a razão não encontra esteio e aquilo que se convencionou chamar de bem e mal coexistem inseparáveis, em eterna luta.

Segundo Joseph Frank, grande parte das tentativas de interpretação de Memórias do Subsolo tendeu a enfatizar uma das duas partes que compõe o livro, seja o caráter conceitual e filosófico da primeira parte, sejam os aspectos psicológicos do homem do subsolo. No entanto: “Não se pode entender corretamente o texto sem apreender a interação entre esses dois níveis, os quais se interpenetram para motivar tanto as idéias do homem do subterrâneo quanto seu comportamento” (FRANK, 2002, p.428).

Tão pouco se deve incorrer no erro de coincidir o egoísmo e niilismo do personagem com a figura de seu autor, como se fosse seu porta-voz. Na literatura, ainda que um personagem tenha elementos psicológicos “emprestados” de seu autor, ele não deve, para fins de análise, ser confundido com este, ou seja, o autor não deve ser tomado pelo personagem. René Wellek e Austin Warren escrevem que “não podemos visualizar nenhum dos personagens de Dostoiévski [...], ao passo que podemos conhecer os seus estados de espírito, as suas motivações, avaliações, posturas e desejos de maneira muito completa” (2003, p.21).

O texto todo é perpassado por provocações ao suposto leitor, que encarna o opositor do homem do subsolo: o homem direto e de ação. Este homem seria, grosso modo, aquele que aceita o progresso e a ciência como verdades últimas da condição humana. Acredita na imutabilidade das leis da natureza e na determinação das ações dos homens, que poderiam assim, através da razão, caminhar para o bem e felicidade. Sobre o homem de ação observa Frank: “Somente sua estupidez permite-lhe manter sua normalidade complacente e permanecer totalmente livre dos dilemas paralisadores do homem do subterrâneo” (2002, p.442). Apesar de considerá-lo estúpido, o personagem sente-se humilhado diante deste homem, praticamente aniquilado, a tal ponto que sequer pode se considerar um homem autêntico, mas sim um camundongo. Mas não é um camundongo qualquer e aí se percebe de forma clara a ambivalência de emoções que compõe o personagem, que caminha entre um profundo sentimento de inferioridade até um exacerbado amor próprio e exaltação de si. É um camundongo, porém de consciência hipertrofiada:

[...] se tomarmos, por exemplo, a antítese do homem normal, isto é, o homem de consciência hipertrofiada, o homem saído naturalmente, não do seio da natureza, mas de uma retorta (já é quase misticismo, senhores, mas eu suspeito isto também), o que se verifica, então, é que este homem de retorta a tal ponto chega a ceder terreno para a sua antítese que a si mesmo considera, com toda sua consciência hipertrofiada, um camundongo e não um homem. Talvez seja um camundongo de consciência hipertrofiada, mas é sempre um camundongo (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.22).

O tom cômico torna-se amargo na medida em que o próprio leitor se identifica com o rancor, a angustia, a incoerência e o paradoxalismo do personagem que, tal qual uma espécie de retrato de Dorian Gray, revela aspectos da subjetividade que preferiríamos não reconhecer como nossos.

3 O subsolo é o inconsciente

O título original *Zapíski Iz Podpólia* foi inicialmente traduzido para o português como

Notas do Subterrâneo, tradução semanticamente correta, de acordo com Boris Schnaiderman, tradutor da edição que referencia este artigo. No entanto, o tradutor, que realizou a tradução diretamente do original russo, explica que a palavra *zapíski*, cuja tradução imediata seria “anotações”, pode também, por extensão, ser entendida como “memórias”. Além disso, segundo ele a palavra *podpólie* ou subsolo remete à atividade clandestina e subversiva, o que “adquire particular importância quando lembramos que o anti-herói da novela não tinha nada de subversivo, no sentido político, e isto acrescenta ao texto um toque de sarcasmo feroz” (DOSTOIÉVSKI, idem, p.12). As palavras subsolo ou subterrâneo, em português, remetem àquilo que está debaixo da terra e que se esconde da vista, tal qual a semente que, ao germinar, esforça-se para romper a escuridão, avança em direção à superfície e realiza-se na planta em que se transforma. Isto nos envia ao inconsciente tal qual formulado por Freud, e o livro em questão de certo modo o prefigura. O camundongo de consciência hipertrofiada na verdade nos mostra, no cúmulo de sua consciência, o saber sobre o inconsciente:

Existe nas recordações de todo homem coisas que ele só revela aos seus amigos. Há outras que não revela mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio, e, em cada homem honesto, acumula-se um número bastante considerável de coisas do gênero. E acontece até o seguinte: quanto mais honesto é o homem, mais coisas assim ele possui (DOSTOIÉVSKI, idem, p.52-53).

Longe da idealização romântica que considera a atividade inconsciente relativa à genialidade criadora, o inconsciente designa, em um primeiro momento, um dos sistemas do aparelho psíquico proposto por Freud em sua primeira tópica (as duas outras instâncias seriam o pré-consciente e o consciente), sendo então de caráter essencialmente substantivo, ainda que Freud se utilizasse do termo de maneira adjetiva. À medida que avança em sua teorização, a idéia de inconsciente ganha um caráter cada vez mais adjetivo, culminando em uma porção do Eu e a totalidade do Supereu e do Isso, fonte das pulsões. Lacan dirá que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, expondo que aquilo que é inconsciente não coincide com uma desorganização irracional. Há uma lógica nos processos inconscientes. Brunetto escreve que “O inconsciente pensa. Ele não é um desorganizado fundamental, resolve problemas, brinca com idiomas, com a polissemia das palavras. Mas é um saber que não se sabe, como escreve Lacan, pelo efeito do recalque” (2008, p.82).

A descoberta do inconsciente e sua teorização por Freud, que segundo Lacan “tem exatamente o mesmo sentido de descentramento que aquele trazido pela descoberta de Copérnico” (1985, p.14), traz em seu bojo uma noção fundamental para a psicanálise: a divisão do sujeito. Assim como a porção consciente abriga aquilo que entendemos como o sujeito da consciência, haveria para a psicanálise um sujeito do inconsciente, portador de um desejo que, a despeito de seu desconhecimento pelo sujeito da consciência, a este incomoda, pressiona para sua realização. E como não pode ser expresso de forma pura e tem como objeto algo que escapa à simbolização, nos aparece através das formações do inconsciente: os sintomas, os chistes e os atos falhos. É este sujeito do inconsciente que, como bem observa o homem do subsolo, esconde segredos até mesmo de nossa consciência. A intensa angústia do personagem, que chega a ser cômica, faz-nos pensar na própria condição de emergência do Eu que não se dá de forma ímpune, sem conseqüências, sem dor, sem pressupor uma renúncia. De acordo com Elia, a emergência do sujeito coincide com a emergência da angústia (2004, p.13).

Ainda no trecho supracitado, o homem do subsolo aponta para o saber sobre o processo que funda o inconsciente freudiano, que estaria “na origem da constituição do inconsciente como campo separado do resto do psiquismo (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p.430), o recalque, ao

revelar que muitos dos nossos sentimentos são escondidos não apenas dos outros e da sociedade, mas até de nós mesmos.

De acordo com Freud, uma pulsão pode, em seu caminho, encontrar resistências à sua satisfação. Isto porque ao atingir sua meta uma pulsão poderia provocar desprazer ao Eu, que deve conciliar as exigências do Isso e do Supereu, ao invés de causar prazer:

A possibilidade de um recalque não é fácil de deduzir teoricamente. Por que uma moção pulsional [*Triebregung*] sucumbiria a tal destino? Aparentemente, a condição necessária para isso seria que ao atingir a meta pulsional se produzisse desprazer ao invés de prazer. [...] A experiência clínica [...] nos ensina que a pulsão que esta submetida ao recalque poderia ter sido satisfeita e que tal satisfação seria, em si, sempre prazerosa; porém, ela seria incompatível com outras exigências e propósitos, e, desse modo, acabaria por gerar prazer em um lugar e desprazer em outro. Então, uma condição para que ocorra o recalque é que a força que causa o desprazer se torne mais poderosa do que aquela que produz, a partir da satisfação pulsional, o prazer (FREUD, 2004, p.177-178)

4 O sujeito dividido

Diante da percepção de uma divisão fundamental, estruturante, marca fundamental do indivíduo, o homem do subsolo paraliza-se e não consegue afirmar-se em nada, não consegue mergulhar no conforto que a ilusão de identidade e totalidade do Eu pode trazer: “não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.17). É rancoroso na medida em que uma criança mimada, quando contrariada, fica amarga e revoltada até que sinta que a atenção e amor dos pais lhe são inteiramente voltados:

O caso todo, a maior ignomínia, consistia justamente em que, a todo momento, mesmo no instante do meu mais intenso rancor, eu tinha consciência, e de modo vergonhoso, de que não era uma pessoa má, nem mesmo enraivecida; apenas assustava passarinhos e me divertia com isso. Minha boca espumava, mas, se alguém me trouxesse alguma bonequinha, me desse chazinho com açúcar, é possível que me acalmasse. Ficaria até comovido do fundo da minha alma, embora, certamente, depois rangesse os dentes para mim mesmo e, de vergonha, sofresse de insônia por alguns meses (DOSTOIÉVSKI, idem, p.16)

É pelo corpo que autor nos apresenta seu inquietante personagem: “Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado” (DOSTOIÉVSKI, idem, p.15). O gosto amargo da biliar, o corpo doente: metáforas de *une existence manquée*⁶, uma existência fracassada, faltante. O personagem demonstra um amor próprio tão grande que o “obriga” a se voltar contra o mundo que não o ovaciona até as lágrimas, que não reconhece sua superioridade e inteligência. Ao mesmo tempo, seu comportamento e sua repulsa em relação a si mesmo o colocam em situações lamentáveis em que parece procurar se afundar na lama e chafurdar-se como um porco, porém um porco consciente de sua imundice. Mas como assim? Amor próprio e repulsa a si mesmo? Sim. O homem do subsolo é esta contradição. O homem é

⁶ Cf. Dostoiévski, F. *Uma história lamentável*. Nesta, de acordo com o narrador, o personagem central, Iván Ilítch Pralínskii, passa por ocasiões em que, açoitado por crises de consciência e sentimentos de culpa, chega a caracterizar sua vida como *une existence manquée*, fracassada, e nestes momentos todas as certezas que tem sobre si são postas em questão. Em sua desventura, o personagem, em queda, parece estar entre o homem de ação e o homem do subsolo, tem certa consciência paralizante, mas luta desesperadamente contra ela, adotando e tentando colocar em prática, de forma lamentável e aí é que está a crítica e o teor cômico da obra, os valores do humanismo.

contradição.

Em suas memórias, o personagem tece uma perspicaz crítica ao racionalismo, ao positivismo e às ambições de uma existência racional e encaminhada para a felicidade, propostas de modo geral pelo pensamento iluminista. Opondo-se a essas idéias o personagem jorra toda sua “introspecção verrumante”⁷ afirmando veementemente a incongruência que engendra o ser humano: “se me dói o fígado, que doa ainda mais.”(DOSTOIÉVSKI, idem, p.15) No entanto a obra não pode ser reduzida à crítica ao pensamento racional e iluminista: é por meio da crítica à uma positividade humana que o personagem apresenta o homem em seu negativo, em seus aspectos obscuros, que não podem ser determinados conscientemente.

Com seu camundongo de consciência hipertrofiada, Dostoiévski coloca em cena o homem moderno em sua face mais obscura e menos celebrada. Ao teorizar sobre o inconsciente e a partir da experiência clínica, Freud aponta para aquilo que estrutura o homem: a divisão subjetiva. Abre uma fenda sob seus pés, pois ataca a ilusão de que o homem pode ter um domínio consciente completo sobre suas ações, quando na verdade há um sujeito que lhe escapa, o sujeito do inconsciente.

Eu era doentamente cultivado, como deve ser um homem de nossa época. Eles pelo contrário, eram todos embotados e parecidos entre si, como carneiros de um rebanho. É possível que eu fosse o único em toda repartição a ter continuamente a impressão de ser um covarde e um escravo, e talvez tivesse esta impressão justamente porque era cultivado. Mas não se tratava apenas de impressão; isto se dava na realidade: eu era um covarde e um escravo (DOSTOIÉVSKI, idem, p.57)

Neste trecho o homem do subsolo destaca sua singularidade, evoca-se como um indivíduo e tenta expressar sua superioridade em relação às outras pessoas. Ao continuar evidenciando, ao expressar a idéia de que a lei da natureza para todos os homens decentes na terra é serem covardes e escravos e que para tal fim foram ajustados, sendo esta sua condição natural (DOSTOIÉVSKI, idem, p.57), a noção de que somos covardes demais para assumir nosso desejo inconsciente ao mesmo tempo em que dele somos escravos.

O homem do subsolo parece saber que a bela imagem do Eu não passa disso: uma imagem. Sua única certeza é a dúvida. A personagem expressa este saber em sua dificuldade em definir-se de uma maneira positiva:

Oh, se eu não fizesse nada unicamente por preguiça! Meu Deus, como eu me respeitaria então! Respeitar-me-ia justamente porque teria a capacidade de possuir em mim ao menos a preguiça; haveria, pelo menos, uma propriedade como que positiva, e da qual eu estaria certo [...] Seria então, de direito, membro do primeiro dos clubes, e ocupar-me-ia apenas em me respeitar incessantemente. Conheci um cavalheiro que, a vida inteira, orgulhava-se com o fato de ser entendido em Laffitte. Ele considerava isso sua qualidade positiva e nunca duvidava de si. Morreu com a consciência não só tranqüila, mas triunfante até, e tinha toda razão. (DOSTOIÉVSKI, idem, p.31)

Talvez seja por isso, por essa incapacidade de uma definição positiva de si, que sequer seu nome nos é dado.

Sede das resistências às pulsões e ao desejo, segundo Lacan “o eu é um objeto feito como uma cebola, poder-se-ia descascá-lo, e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituíram” (1986, p.199):

E como é que eu, por exemplo, me tranqüilizarei? Onde estão minhas causas

⁷ Esta expressão é utilizada por Boris Schnaiderman, tradutor da edição utilizada como referência neste trabalho, p.7.

primeiras, em que me apóie? Onde estão os fundamentos? Onde irei buscá-los? Faça exercício mental e, por conseguinte, em mim, cada causa primeira arrasta imediatamente atrás de si outra, ainda anterior, e assim por diante, até o infinito. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.30)

O homem do subsolo busca uma causa primeira que determine suas ações, no entanto, diferentemente dos homens diretos e de ação que “em virtude de sua limitada inteligência, tomam as causas mais próximas e secundárias pela causa primeira e, deste modo, se convencem mais depressa que os demais de haver encontrado o fundamento indiscutível para a sua ação” (DOSTOIÉVSKI, idem, p.29), diferentemente deste, o homem do subsolo não a encontra visto que cada causa o arrasta para outra, até o infinito. Esta imagem remete à clínica psicanalítica, na qual através da fala, o analisando vai deslizando através das associações, buscando encontrar sua causa primeira, o fundamento inconsciente que o determina. A verdade do sujeito não está na consciência e sim em seu inconsciente, sendo que o psicanalista deve voltar seu olhar para o “sujeito não da desrazão e sim da razão inconsciente, cuja lógica é também apreendida através de um método – o método psicanalítico” (QUINET, 2003, p. 12).

Diante da altivez e segurança que presume ser característica dos homens diretos e de ação que, apesar de menos inteligentes, o nosso camundongo o inveja até o extremo de sua bÍlis (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.22), talvez justamente por parecem não serem atingidos pela angustia existencial que o assola, o homem do subsolo sente-se inferior, diminuído, humilhado:

No emprego, na repartição, forçava-me a não olhar para ninguém; mas notei muito bem que os meus colegas não só me consideravam um tipo original, como até – tinha esta impressão continuamente – pareciam olhar-me com certa aversão. Vinha-me à mente: por que ninguém além de mim sente ser olhado com aversão? (DOSTOIÉVSKI, idem, p.56)

Este trecho está no início da segunda parte do livro, na qual, como anteriormente escrito, ele narra episódios de sua vida. Logo de início o leitor provavelmente fica tentado a se perguntar sobre a objetividade das observações do homem do subsolo. Afinal, seria ele de fato olhado com aversão? Ou essa impressão seria apenas derivada dos próprios sentimentos de aversão e desprezo que o camundongo nutria por si mesmo, ou seja, de um ponto de vista psicanalítico, pura e simples projeção? Porém o momento triunfante no qual o leitor pode sentir que tem um conhecimento a mais sobre o personagem esvai-se logo nas próximas linhas quando o camundongo continua:

Atualmente percebo, com toda nitidez, que eu mesmo, em virtude da minha ilimitada vaidade e, por conseguinte, da exigência em relação a mim mesmo, olhava-me com muita frequência, com enfurecida insatisfação que chegava à repugnância e, por isso, **atribuía mentalmente a cada um o meu próprio olhar**⁸. (DOSTOIÉVSKI, idem, p.56)

Mais uma lição de psicanálise nos foi dada. Neste trecho fica também evidente a alta exigência que o camundongo nutre em relação à si mesmo. Entre a alta exigência de seu Supereu, que impõe ao Eu um ideal de perfeição, e o desejo, resta um Eu inseguro e abalado pela contradição. Não muito diferente de qualquer neurótico.

5 O prazer na degradação ou além do princípio do prazer

⁸ O grifo é nosso.

Em vários trechos da obra, o homem do subsolo escancara, em tom debochado, o fato de extrair um certo prazer de sentimentos e situações que de um ponto de vista racional e objetivo deveriam causar desprazer e escreve que “este prazer é a tal ponto sutil, e a tal ponto às vezes inapreensível à consciência, que as pessoas um pouquinho limitadas ou mesmo simplesmente as de nervos fortes não compreenderão dele nem um pouco sequer” (DOSTOIÉVSKI, idem, p.24). Consegue reconhecer a profunda pluralidade de sentimentos humanos que nem sempre caminham para o bem e a felicidade. Admite encontrar prazer até mesmo em uma dor de dentes!

Freud, no texto de 1920 **Além do princípio do prazer**, propõe um dualismo pulsional no qual opõe pulsão de vida e pulsão de morte. De acordo com teoria psicanalítica haveria um ganho secundário com os sintomas: apesar de causar desprazer haveria também um certo prazer neste, o que Lacan nomearia anos mais tarde de gozo. Em um de seus inúmeros diálogos imaginados com o leitor⁹, ou seja, sem o texto do outro, o homem do subsolo lhe responde:

Como não? Há prazer mesmo numa dor de dentes – respondo. – Tive dor de dentes um mês inteiro; sei o que é isto. Neste caso, naturalmente, a pessoa não se enfurece em silêncio, mas geme; no entanto, não são gemidos sinceros, são gemidos maldosos, e tudo consiste justamente nessa maldade. Nesses gemidos é que se expressa o prazer do sofredor; se não sentisse neles prazer, não iria sequer soltá-los (DOSTOIÉVSKI, idem, p.26)

Freud percebe que muitos de seus pacientes insistiam em repetir situações que eram, ao menos em seu discurso manifesto, fonte de desprazer, e a partir dessa percepção cunha a noção de compulsão à repetição: “existe na vida psíquica uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio de prazer” (FREUD, 2006, p.148). Podemos pensar em pessoas para as quais o destino parece estar selado ou, como escreve Freud, “pessoas para as quais qualquer relação com o próximo leva sempre ao mesmo desenlace” (FREUD, 2006, p.147). Imagine aquela pessoa que reclama de suas relações amorosas, mas ao terminá-las logo em seguida inicia outra com as mesmas características da relação anterior.

A compulsão à repetição esta intimamente ligada à pulsão de morte que, grosso modo, seria a tendência ao retorno à um estado inanimado, uma tendência a nada ser que caminharia em direção oposta a pulsão de vida. A pulsão de morte pode ser relacionada às tendências destrutivas ou auto-destrutivas, como no caso do masoquismo, característica presente no personagem de Dostoiévski em questão, na agressividade e no sentimento de culpa.

O dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte será retomado por Freud no texto **O mal-estar na civilização**, de 1930. Freud articula o mal-estar em dois níveis. O primeiro refere-se à renúncia pulsional imposta ao homem pela vida civilizada. O segundo à algo que é intrínseco a todo homem, a pulsão de morte, que ao lado de Eros, governa a humanidade. Rompendo com uma visão de homem que seria bom em sua essência e corrompido socialmente, Freud considera todo homem um inimigo virtual da civilização (FREUD, 1997, p. 11), dada a tensão entre as exigências pulsionais e as exigências da vida civilizada. A partir de suas considerações pode-se pensar no porque (apesar de superadas boa parte das dificuldades de sobrevivência relacionadas à natureza e dos avanços materiais alcançados pela civilização) persistirem a desigualdade e injustiça entre os homens. Caso fossemos criaturas puramente racionais, não poderíamos há tempos termos alcançado uma existência pacífica e feliz? Esta questão não passa despercebida ao nosso personagem:

⁹ “O que o ‘homem do subsolo’ mais pensa é no que outros pensam e podem pensar a seu respeito, ele procura antecipar-se a cada consciência de outros, a cada idéia de outros a seu respeito, a cada opinião sobre sua pessoa. Com todos os momentos essenciais de suas confissões, ele procura antecipar-se a uma possível definição e apreciação de si por outros, vaticinar o sentido e o tom dessa apreciação e tenta formular minuciosamente essas possíveis palavras de outros a seu respeito, interrompendo o seu discurso com imagináveis réplicas de outros” (BAKHTIN, 2008, p.59)

Oh, disse-me, quem foi o primeiro a declarar, a proclamar que o homem comete ignomínias unicamente por desconhecer os seus reais interesses, e que bastaria instruí-lo, abrir-lhe os olhos para os seus verdadeiros e normais interesses, para que ele imediatamente deixasse de cometer essas ignomínias e se tornasse, no mesmo instante, bondoso e nobre, porque, sendo instruído e compreendendo as suas reais vantagens, veria no bem o seu próprio interesse, e sabe-se que ninguém é capaz de agir conscientemente contra ele e, por conseguinte, por assim dizer, por necessidade, ele passaria a praticar o bem [...] Mas em primeiro lugar, quando foi que aconteceu ao homem, em todos estes milênios, agir unicamente em prol de sua própria vantagem? (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 33)

Neste trecho o homem do subsolo discorre ironicamente sobre a incapacidade do homem de agir unicamente de acordo com leis da Razão ainda que estas lhe sejam aparentemente vantajosas, seja de um ponto de vista individual, seja social. E continua: “e se porventura acontecer que a vantagem humana, alguma vez, não apenas pode, mas deve até consistir justamente em que, em certos casos, desejamos para nós mesmos o prejuízo e não a vantagem?” (DOSTOIÉVSKI, idem, p.33). Mais uma vez o homem do subsolo nos ensina sobre o humano e a aparente irracionalidade de seus atos e sentimentos, tanto em relação à si mesmo quanto em relação aos outros.

Após abordar alguns aspectos desta inquietante obra de Dostoiévski é importante salientar que estas considerações estão longe de dar conta da complexidade da obra. De um ponto clínico poderíamos brincar com a hipótese de que faltou ao homem do subsolo o divã, onde ele poderia resolver sua neurose obsessiva, mas que talvez, por outro lado, ao registrar suas memórias de forma tão viva ele tenha, por meio da sublimação, dado outro destino àquilo que lhe perturbava. Mas estas hipóteses não serão desenvolvidas, pois este artigo deve terminar aqui, “onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer” (ADORNO, 2003, p.17)

“Aliás, ainda não terminaram aqui as ‘memórias’ deste paradoxalista. Ele não se conteve e as continuou. Mas parece-nos que se pode fazer o ponto final aqui mesmo” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.147).

Referências

- ADORNO, T. *Notas de literatura I*. [Trad. de Jorge M. B. de Almeida] São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- BADIOU, A. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. [Trad. de Emerson Xavier da Silva, Gilda Sodré]. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski* [Trad. de Paulo Bezerra] Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BRUNETTO, A. *Psicanálise e Educação*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do Subsolo* [Trad. de Boris Schnaiderman] São Paulo: Ed. 34, 200 p.15.

_____. *Uma história lamentável* [Trad. de Gulmara Lobato de Moraes Pereira] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ELIA, L. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FRANK, J. *Pelo Prisma Russo – ensaios sobre literatura e cultura*. [Trad. Paula Cox Rolim e Francisco Achcar] São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski – os efeitos da libertação: 1860-1865*. [Trad. Geraldo Gerson de Souza] São Paulo: Edusp, 2002.

FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo [Trad. Coord. Geral de Luiz Alberto Hanns] in: *Escritos sobre a psicologia do Inconsciente*, volume I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004.

_____. *Dostoiévski e o Parricídio*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud v. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. [Trad. Coord. Geral de Luiz Alberto Hanns] in: *Escritos sobre a psicologia do Inconsciente*, volume I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004.

_____. O recalque. [Trad. Coord. Geral de Luiz Alberto Hanns] in: *Escritos sobre a psicologia do Inconsciente*, volume I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004.

_____. Além do princípio do prazer. [Trad. Coord. Geral de Luiz Alberto Hanns] in: *Escritos sobre a psicologia do Inconsciente*, volume II. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1997.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana 3- artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (1914-1917)* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

LACAN, J. *O Seminário: livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. [Trad. Marie Christine Laznik Penot] Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. [Trad. Pedro Tamen] São Paulo, Martins Fontes, 1998.

QUINET, Antonio. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 162p.

WELLEK, R. & WARREN, A. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. [Trad. de Luis Carlos Borges] São Paulo: Martins Fontes, 2003.